

---

ACHUTTI, Luiz Eduardo Robinson. *Fotoetnografia da Biblioteca Jardim*. Porto Alegre: Editora da UFRGS: Tomo Editorial, 2004. 319 p.\*

*Paula de Oliveira Biazus*

*Universidade Federal do Rio Grande do Sul\*\* – Brasil*

Este livro traz o resultado do trabalho de doutorado do autor realizado na França, configurando uma *fotoetnografia* da Biblioteca François Mitterrand em Paris.



---

\* Livro publicado em francês pela Editora Téraèdre (Paris, 2004), com edição oferecida em PDF pelo site da editora, na coleção Anthropologie au Coin de la Rue, em: <<http://www.teraedre-publishing.com/index3.php?coll=1&ouvr=37>>.

\*\* Mestranda em Antropologia Social.

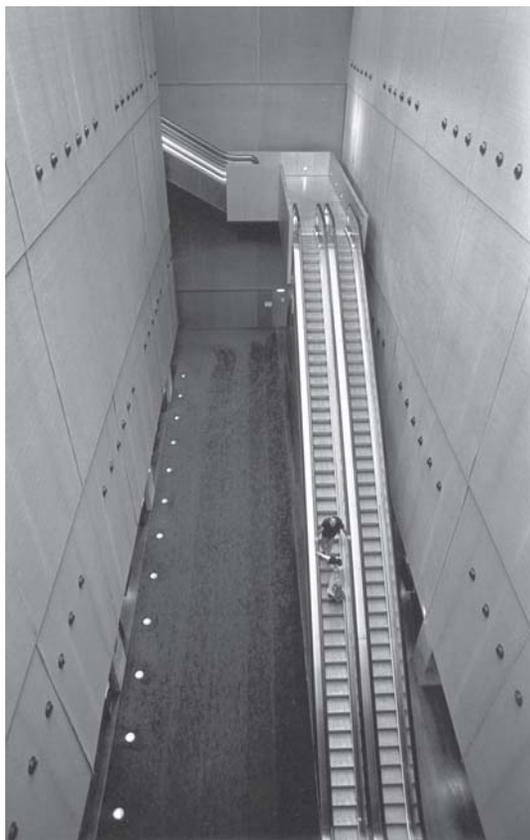
O termo *fotoetnografia* foi cunhado por Achutti em sua dissertação de Mestrado em Antropologia Social, realizado na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, onde propunha uma narrativa fotográfica autônoma do texto escrito para contar sobre o cotidiano de mulheres trabalhadoras em um galpão de reciclagem de lixo em Porto Alegre (Achutti, 1997). Esse trabalho também foi publicado no formato de livro, onde se encontram duas entradas de leitura, uma pelo texto e outra diretamente pelas imagens, afirmando, assim, a possibilidade de uma “escrita fotográfica”, enfatizando a capacidade narrativa da fotografia. Apesar de entrarmos pelo “mesmo caminho” para lermos o texto ou as fotografias na presente obra, o autor deixa claro, ao explicitar os métodos da *fotoetnografia*, que as duas linguagens devem ter uma autonomia entre si para que se aproveite ao máximo seus potenciais narrativos, sendo que, para compor a narrativa fotográfica, não devemos incluir nenhum texto juntamente com as imagens.

Portanto, seu livro *Fotoetnografia da Biblioteca Jardim* é, também, o resultado de um percurso, iniciado em sua dissertação de Mestrado, em que usa a linguagem fotográfica como a principal forma para restituir as comunidades estudadas, segundo o que o antropólogo e cineasta francês Jean Arlaud expõe no prefácio da obra. Um percurso afirmado para o leitor através da inserção de dois prelúdios que anunciam a chegada na Biblioteca Jardim.

O primeiro, *Prelúdio I: O Nascimento de Duas Bonecas*, reflete sobre seu trabalho de campo durante o mestrado e o nascimento de sua filha, acontecimentos próximos no tempo, situações que o sensibilizaram profundamente e que são “simétricas na construção e assimétricas pelo referente”, sendo possíveis de serem narradas como tal devido à linguagem fotográfica, pois traz o que é da dimensão sensível do fenômeno, aproxima as duas experiências pela emoção e as distancia pelos significados, atingindo seu objetivo de “estruturar corretamente um conjunto de imagens fixas a fim de propô-las enquanto narração ou relato visual” (p. 84).

Já o *Prelúdio II: Dona Emilie Morreu* continua seu percurso, enquanto pesquisador e etnógrafo, narrando sobre a condição de ser estrangeiro na França e ser apresentado a um novo imaginário atrelado a uma nova cultura. Através de fotografias do apartamento onde habitou uma típica operária francesa do século XX, podemos percorrer as imagens em que o imaginário do fotógrafo estrangeiro conversa com aquele deixado, através de vestígios, pela operária já falecida. Podemos considerar essa narrativa como uma forma de restituição dos possíveis ângulos de um cotidiano já vivido, não esquecendo que o olhar do

fotógrafo é aquele de alguém que escreve com a câmera e, portanto, realiza um exercício de abstração, de considerações sobre o mundo. O resultado, novamente trazendo as palavras do professor Jean Arlaud, é da “ordem do mostrar” e “não do demonstrar”, pois é capaz de contar, de narrar em uma construção de sentido previamente organizada.



Luiz Eduardo Achutti estabelece um diálogo com o campo de conhecimento da antropologia visual por meio de uma conversa com os autores que refletiram sobre o tema. Estabelecendo semelhanças e diferenças na utilização das imagens para a construção do saber antropológico, ele procura ressaltar o potencial narrativo das imagens fotográficas utilizadas sob a forma de “narrações visuais”, uma “construção do sentido graças à imagem; isso para tornar-se um meio de restituição, uma outra forma de narrar nosso olhar sobre o Outro” (p. 87). Essas “narrações visuais”, onde poderíamos situar a fotoetnografia, encerram um sentido por trabalharem com conjuntos e seqüências de imagens, possibilitando uma

leitura completa, tornando refutável o medo atribuído ao uso da imagem pela abertura de sentidos possíveis. As fotografias “devem ser objeto de construções sob forma de seqüências e de associações de imagens, tendo por objetivo treinar o leitor a praticar outras associações para nelas encontrar uma significação” (p. 117). Assim, a fotografia apresenta-se como uma forma de descrição e interpretação dos dados obtidos em campo, não apenas como um instrumento de coleta de informações a fim de realizar um simples inventário da



cultura estudada, constituindo verdadeiros “textos visuais” que o antropólogo constrói para restituir determinada realidade. A fotografia, segundo o autor, deve ser encarada como a “materialização de um olhar”, o “discurso de um olhar” (p. 111).

A *fotoetnografia* pressupõe alguns elementos para a sua constituição, como a utilização de fotografias sem textos explicativos entre as imagens ou o uso de legendas. A narrativa deve ocorrer unicamente pelas imagens que apresentem, em si e entre si, uma construção de sentido. Ao especificar as orientações metodológicas para a construção de uma *fotoetnografia*, Luiz Eduardo Achutti explicita que não existe impedimento em fornecer informações de escritas variadas antes de mergulharmos nas imagens, como ocorre nesse livro através dos prelúdios, do diálogo sobre o campo da antropologia visual, da metodologia que conforma a *fotoetnografia* e de algumas reflexões em torno da Biblioteca Jardim. Um outro preceito importante, enfatizado pelo autor, é um planejamento das imagens a serem capturadas, que deve ser renovado após cada ida a campo, pois uma construção narrativa deve ser “construída com método, da mesma maneira que um filme, um texto ou uma dissertação” (p. 108). As fotografias realizadas de maneira desordenada, sem uma preocupação de serem reunidas em uma seqüência para contar uma história, podem



tornar-se apenas uma fonte de informações sobre o campo de pesquisa, sem constituir um discurso organizado sobre o objeto de estudo.

Narração fotoetnográfica: um olhar sobre a Biblioteca Nacional da França – François Mitterrand: lado Sena – lado dos bastidores: Luiz E. Achutti trabalhou, no lado dos bastidores, o cotidiano de trabalho dos funcionários da Biblioteca François Mitterrand através de um percurso etnográfico que nos leva a descobrir esse espaço juntamente com o olhar do fotógrafo. Antes de adentrarmos nas fotografias, o autor traz uma reflexão sobre seu trabalho de campo nos bastidores da biblioteca, a dificuldade em transpassar do universo público ao que seria o universo privado dos trabalhadores; as negociações envolvidas para realização da etnografia e a própria contextualização das condições de trabalho na biblioteca. Fruto de um projeto arquitetônico complicado, a construção de uma nova Biblioteca Nacional obrigou a adaptação de 2 mil funcionários a uma rotina de trabalho regida por um complexo sistema digital. A Biblioteca Jardim, a do grande jardim central onde as pessoas não circulam e só podem contemplá-lo das salas de leitura, contrasta com aquela dos “jardins clandestinos”, pequenos vasos de plantas colocados pelos funcionários no ambiente de trabalho, quebrando a atmosfera de “fortaleza militar” do prédio. Portanto, o nome do livro questiona qual viria a ser a verdadeira biblioteca

jardim, a que é contemplada por detrás das vidraças ou a que habita os cantos das salas e corredores de trabalho? Assim como o projeto arquitetônico faz uma distinção irreconciliável entre natureza e cultura, existe a diferença entre o espaço dos pesquisadores e visitantes e o espaço dos funcionários, ou seja, o espaço público e o privado da biblioteca. Aliás, essa diferença é visível nas fotografias, onde aparecem os reflexos da luz espalhados pela sala de leitura, indicando a boa luminosidade do local e os corredores sem janela por onde os funcionários transitam. Outro bom exemplo é o desenho que abre o capítulo *fotoetnográfico*, cujo verdadeiro significado só será revelado ao final da narrativa. Não devemos descuidar, ao longo da leitura, do tamanho escolhido para as imagens, da sua separação em conjuntos, da repetição de algumas fotografias e da disposição das mesmas pelas páginas do livro, pois são importantes componentes para a compreensão narrativa do texto visual proposto pelo autor.

Ao final do livro, são apresentados os comentários que os próprios funcionários escreveram no livro da exposição fotográfica realizada, também, nos bastidores da biblioteca. Assim, permite ao antropólogo refletir sobre os diferentes tipos de escritura e de restituição da imagem e da palavra do outro envolvidos em um trabalho etnográfico. A presente obra representa uma importante contribuição para a antropologia visual por afirmar a fotografia como uma linguagem capaz de dar conta de uma forma de escritura sobre o real. O desafio é como levaremos essa perspectiva teórico-metodológica adiante sem retomar, a cada trabalho, todo o percurso da antropologia visual e sua importância dentro do campo de conhecimento da antropologia social, avançando verdadeiramente nas discussões.

## Referência

ACHUTTI, Luiz Eduardo Robinson. *Fotoetnografia: um estudo de antropologia visual sobre cotidiano, lixo e trabalho*. Porto Alegre: Tomo Editorial: Palmarinca, 1997.